

O Brevo

Difusão do Espiritismo Religioso - Órgão da Aliança Espírita Evangélica - Fraternidade dos Discípulos de Jesus

ANO XIII

São Paulo, Março de 1987

N.º 157

16.º ENCONTRO GERAL DE MOCIDADES



ALIANÇA ESPÍRITA EVANGÉLICA

Jovens espíritas dos grupos integrados à Aliança estarão reunidos no dia 18 de abril, em Londrina, Paraná, no 16.º Encontro Geral de Mocidades da Aliança.

O tema do Encontro será: "O amanhã — mãos e coração", procurando levar os jovens a refletir acerca do futuro, que exige ação racional e sen-

timento de solidariedade. Um tema muito próprio para ser debatido na data — aniversário de lançamento de "O Livro dos Espíritos" —, lembrando a postura humanística da Doutrina Espírita de que fora da Caridade não há salvação.

Paralelamente ao Encontro de Jovens estará se realizando um Encon-

tro de Pais, para que os pais, que quiserem acompanhar seus filhos possam também participar, entre si, de debates e reflexões.

O Encontro de Jovens ocorrerá na Escola José de Anchieta e o dos pais no Colégio Vicente Rijo, onde todos ficarão alojados.

A CAMINHO DA ESTRADA

Mocidade do Grupo Espírita
Renascer - São Paulo

Somos um grupo de jovens principiantes na Doutrina Espírita. Iniciamos a nossa turma há poucas semanas. Estamos a caminho da Estrada de Damasco.

Há muito tempo vínhamos perambulando por outras estradas, algumas até mesmo perigosas, cheias de obstáculos e buracos. Vínhamos percorrendo os mais difíceis caminhos, inseguros, inquietos, assustadores. E, quantas vezes nesse percurso escuro, nos deparamos com pântanos, os lamaçais da Ignorância, da tristeza e depressão.

Na maioria das vezes ficávamos perdidos, sem rumo certo, sem objetivos, sem ideais, presos às nossas limitadas convicções. Cegos no ponto de vista ilusório, acreditando que o mundo inteiro estava errado e que somente nós, os jovens, estávamos certos, e que somente nós deveríamos ser felizes.

Buscando sempre a nossa autenticidade, foi em vão que muitas vezes colocamos máscaras acreditando possuir uma personalidade que jamais existiu.

Gostávamos dos "Beatles" e de pessoas famosas. "Curtimos" todos os tipos do movimento jovem, os "hippies" e todos aqueles que se tornaram conhecidos.

Mas, foi tudo em vão...

Fizemos do sexo um meio de fugir às responsabilidades e usamos das drogas, dos entorpecentes, das "picadas", das "bolas" como uma maneira de escapar da realidade.

Fugimos, andamos, caímos algumas vezes, levantamos, tornamos a cair, e continuamos a caminhada, longa e exaustiva.

Hoje, finalmente nos deparamos com a estrada, mas dessa vez uma

estrada com rumo certo, a mesma Estrada de Damasco que levou Paulo a Jesus.

Não sabemos sinceramente quantos de nós a encontrarão, nem ao menos se ao chegarmos lá teremos a graça da vasta visão, e nem sabemos também se depois disso encontraremos o mesmo Ananias que nos trará o ensinamento redentor.

Mas, não importa, o importante agora é que já temos um ponto de partida. Já sabemos por onde ir e como ir.

EDGARD ARMOND

Atendendo a pedidos de companheiros de diversos grupos integrados, apresentamos nesta edição dados biográficos do comandante Edgard Armond, inspirador da fundação da Aliança Espírita Evangélica. Referidos dados anotados pelo próprio Armond foram publicados no Trevo de dezembro de 1982, por ocasião do desencarne do valoroso companheiro.

Edgard Armond nasceu no dia 14 de junho de 1894, em Guaratinguetá, Estado de São Paulo, filho de Henrique Ferreira Armond e de Leonor Pereira de Souza Armond — ambos de Minas Gerais. Desencarnou em São Paulo no dia 29 de novembro de 1982.

Em Guaratinguetá fez os cursos primário e secundário, transferindo-se para São Paulo em 1912, e no mesmo ano, para o Rio de Janeiro, ingressando no comércio e, ao mesmo tempo, prosseguindo seus estudos.

Em 1914, ao romper a Grande Guerra, voltou para São Paulo e alistou-se na Força Pública do Estado, como praça de pré e, dois anos depois, ingressou na Escola de Oficiais, como 1.º sargento, saindo aspirante em 1918, casando-se no ano seguinte com Nancy de Menezes, filha do Marechal do Exército Manoel Felix de Menezes.

Comandou destacamentos em Santos, São João da Boa Vista e Amparo, fixando-se, por fim, na Capital. Como 2.º tenente, organizou e foi nomeado diretor da Biblioteca da Força Pública, sendo, ao mesmo tempo, nomeado professor de História, Geografia e Geometria na referida escola.

Em 1923 matriculou-se na Escola de Farmácia e Odontologia do Estado, diplomando-se em 1926.

Em 1922 foi um dos chefes no Estado, da revolução que malogrou no país e terminou com a rendição do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro.

Como 1.º tenente, na revolução de 1924, combateu na Capital e, em seguida, seguiu para o Paraná e Santa Catarina, até o fim da campanha, permanecendo com a tropa de ocupação nas fronteiras do Paraguai e Argentina, até fins de 1925.

Na revolução de 1930, como capitão, serviu no Estado-Maior, voltando em seguida ao magistério militar na Escola de Oficiais e no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, lecionando administração e legislação militar.

É com grata satisfação que já podemos observar os ideais da nossa juventude cristianizados na vivência espiritual religiosa, como um marco estar na nossa história.

Acreditamos seriamente na propagação deste trabalho como um instrumento renovador, motivador e impulsor de comunidades a uma busca interior, transdimensional, do crescente apagar das velas, do velho homem profano e lucífero, ao acender das luzes do novo homem crístico.

Em 1931 fez estudos e apresentou projeto de construção de uma estrada de rodagem, de Paraibuna a São Sebastião, visando ligar o Litoral Norte, abandonado e deserto, ao Planalto e ao Sul de Minas; não havendo recursos disponíveis, utilizou praças da própria Força, prestes a serem desincorporados; como não se tratava de serviço próprio da Corporação, o projeto sofreu grandes embaraços, mas foi, afinal, aprovado, cabendo-lhe a direção pessoal desse empreendimento, com os indispensáveis recursos materiais.

ABRINDO ESTRADA

Em abril de 1931 iniciou essa construção no Alto da Serra de Caraguatatuba, com 15 soldados e ali trabalhou até o rompimento da revolução constitucionalista de 1932, quando assumiu o comando daquele litoral, das divisas do Estado do Rio até Santos, controlando também o movimento da Esquadra Nacional, que mantinha vários vasos de guerra na Ilha de São Sebastião.

Organizou tropas em Paraibuna e Caraguatatuba e comandou-as, logo depois, no Sul do Estado, nas cidades de Itai, Taguari e Avaré e, após a cessação da luta, foi nomeado Chefe de Polícia do Estado, no período de transição que se seguiu, passando em seguida a compor a Casa Militar do Governador Militar do Estado, General Waldomiro Lima.

Sessenta dias depois pediu demissão da referida função para prosseguir na construção da rodovia a que se propusera, no litoral, que se encontrava apenas iniciada, sendo então nomeado comandante de um Batalhão de Sapadores, criado especialmente para isso, tarefa essa que exerceu até agosto de 1934, quando interrompeu a construção por ordem superior, entregando-a ao DER, órgão competente do governo já em fase adiantada e dando, mesmo, trânsito a veículos carroçáveis, de Paraibuna até Caraguatatuba.

Essa iniciativa de caráter mais que particular, realizada com imensos sacrifícios e dificuldades por carência de recursos, antecipou de 40 anos o progresso dessa região, beneficiando as cidades de Paraibuna, Natividade, Salesópolis, Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião e Ilha Bela.

Regressando em 1934, assumiu o subcomando da Escola de Oficiais; em seguida, organizou a Inspeção Administrativa da Força e, por conveniência organizativa, fez concurso para o quadro de Administração da Força, sendo classificado como Tenente-Coronel, na chefia do Serviço de Intendência e Transporte, onde permaneceu até 1938, quando sofreu acidente grave, permanecendo, porém, nessa chefia, até 1939, quando foi transferido para o Q.G.; solicitando reforma, foi julgado inválido para o serviço militar, abandonando o serviço em princípios de 1940.

Nesse último período escreveu: "Tratado de Topografia Ligeira" (2 volumes) e "Guerra Cisplatina" (Discursos).

Após este resumo de atividades profissionais, passamos agora às de natureza espiritual, que são as de maior interesse e que justificam o alinhamento destes dados biográficos.

Em abril de 1938, passando pela Praça João Mendes, foi abordado por um negro pedreiro, que lhe fizera, há tempos, um pequeno serviço em casa e que se apresentou dizendo ser frequentador de um Centro Espírita de Vila Mariana e recebera a incumbência de procurá-lo e transmitir-lhe um recado, segundo o qual, em junho do referido ano seria vítima de um sério acidente.

Não deu importância ao aviso, mas nesse período de tempo sofreu dois acidentes de carro, ligeiros, dos quais livrou-se sem maiores conseqüências, até que no dia 28 de junho, dirigindo seu carro oficial, teve um encontro com um caminhão de água da Prefeitura, no Parque D. Pedro II, quebrando os dois joelhos, além de outros ferimentos de menor importância.

No dia seguinte, hospitalizado e ainda em estado de choque, foi procurado por duas pessoas: o motorista do caminhão que vinha pedir sua proteção para não perder o emprego e a sua carta, pedido esse que atendeu; e o pedreiro negro que informava que o que aconteceu fora para poder trabalhar para o Espiritismo.

Após várias cirurgias e tratamentos custosos, ficou quase sem poder andar durante seis meses, passando, em seguida, a usar muletas, com grande redução de movimentos.

Solicitou então reforma do serviço, que foi negada por não ter tempo legal de serviço ativo e poderam ainda ser tentados outros tratamentos. Como insistisse, obteve um ano de afastamento e, em seguida, a reforma solicitada.

RESUMO DE ANTECEDENTES DOUTRINÁRIOS

Conhecia bem o espiritualismo em geral.

Em 1910, na cidade natal, iniciou estudos sobre religiões e filosofias, demorando-se mais nos conhecimentos orientais, mais ricos de ensinamentos e de tradições.

Em 1921, comandando na cidade de Amparo, entrou para a Maçonaria, para conhecimento desse setor tradicio-

nal, deixando de freqüentá-la alguns anos depois, no grau de mestre.

Regressando à Capital, fez contatos pessoais com líderes esoteristas, ocultistas e espíritas, entre outros Krishnamurti, Krum Heler, Jenerajadasa, Raul Silva (sobrinho de Bатуira) e o famoso médium Mirabelli, então em franco destaque no setor de efeitos físicos.

Dessa data até 1935, os acontecimentos políticos do país absorveram-no nas funções militares no Estado e fora dele.

Em 1936 concorreu a formar, a convite de Canuto de Abreu, um grupo de estudos e praticagens espirituais, que funcionava na residência do referido Canuto e do qual faziam parte, além de outros não lembrados, o Dr. C.G.S. Shalders e Antonio Carlos Cardoso, ambos diretores da Escola Politécnica, tendo oportunidade de trabalhar com o velho Ramalho, médium de incorporação e uma só vez com Linda Gazera, célebre por ter sido médium de efeitos físicos na Europa, com Charles Richet e outros investigadores.

Nessa época visitou vários centros espíritas particulares, que se dedicavam exclusivamente a trabalhos de efeitos físicos nos arrabaldes da capital, todos animados pelos resultados notáveis obtidos pela família Prado, em Belém do Pará.

Em 1932, trabalhou também com o famoso médium Dr. Luiz Parigot de Souza, do Paraná.

Lera, a essa altura, grande parte da literatura espírita e, um domingo à tarde, passando pela rua do Carmo, notou aglomeração à porta da Associação das Classes Laboriosas; indagando, soube que ali estava se realizando uma concentração de Kardec. Entrou e assistiu parte dela, ali vendo e ouvindo alguns líderes espíritas antigos, como, por exemplo, João Batista Pereira, Lameira de Andrade, Montagnini, estando também presente o médium Chico Xavier, que apenas iniciava sua tarefa mediúnica.

Nessa reunião recebeu um livreto intitulado "Palavras do Infinito", de Humberto de Campos, contendo mensagens avulsas de entidades desencarnadas, distribuído pela recém-formada Federação Espírita do Estado de São Paulo. Esse opúsculo aumentou fortemente seu interesse pela Doutrina.

Desde o ano anterior, convalescendo do grave acidente, já estava sendo levado a trabalhos de cooperação espírita, ajudando pessoas a preparar palestras e conferências, que o procuravam em casa, na recém-fundada Federação e outras casas espíritas.

Em 1939, já estando licenciado para reforma do serviço ativo, passou pela rua Maria Paula, para onde a Federação havia se mudado há poucos dias e, vendo à porta uma placa com o letreiro "Casa dos Espíritos do Brasil", entrou, sendo muito bem recebido, no corredor, pelo confrade João dos Santos e por este apresentado a outros que ali se encontravam, com os quais palestrou algum tempo, sendo em seguida convidado a colaborar, convite que aceitou. Dias depois, recebeu um memorandum assinado por Américo Montagnini, presidente re-

cém-eleito, comunicando haver sido eleito para o cargo de secretário-geral da Federação.

RESUMO DAS ATIVIDADES NA FEDERAÇÃO

Com essa eleição imprevista, fechou-se o círculo de sua integração no Espiritismo, sendo o primeiro ato de uma série de árduos e prolongados trabalhos, somente encerrados quando, por moléstia e velhice, retirou-se da Administração da Casa em 1967.

...

Como a Federação apenas se instalara naquele prédio, adaptado para sua sede própria, nada encontrou organizado ou em funcionamento regular, estando tudo por fazer, em todos os setores. João Batista Pereira, na eleição então realizada, deixara a presidência para Américo Montagnini e na sigla "Casa dos Espíritos do Brasil" se fundiram a Sociedade Espírita São Pedro e São Paulo, até então dirigida pelo Dr. Augusto Militão Pacheco; a Sociedade de Metapsíquica de São Paulo, dirigida pelo Dr. Shalders (que era um desdobramento do grupo de estudos de 1936) e a própria Federação.

O maior interesse da época, como já foi dito, eram os fenômenos de efeitos físicos, que não existiam na casa, mas eram assistidos em vários lugares fora, para onde os diretores se trasladavam, às vezes em conjunto.

O primeiro contato mediúnico, na Casa, foi com o auxílio da médium particular Sra. N. A., esposa de um tabelião da capital, e foi por ela que Dr. Bezerra (na ocasião assumindo a direção espiritual da Casa) transmitiu a frase conhecida: "No mundo, o Brasil, no Brasil, esta terra que tem o nome do grande Apóstolo e aqui, esta nossa casa, que será um farol a iluminar a humanidade".

Naqueles primeiros dias, predominavam por toda parte os efeitos físicos e era marcante a falta de médiuns de confiança para o intercâmbio com o Plano Espiritual Superior; atendendo a um pedido, o espírito Bezerra de Menezes prometeu sanar a lacuna; passados poucos meses, apareceu na Casa um rapaz moreno escuro, que se dizia graxeiro da Sorocabana, em Assis e médium de incorporação. Submetido a uma prova, satisfaz plenamente. Chamava-se Ary Casadio e ficou combinada sua mudança para a capital, sob a proteção da Casa, onde ficou alojado. Mais tarde, trouxe esposa e filhos pequenos e dedicou-se inteiramente aos trabalhos da Casa, prestando durante longo tempo ótimos serviços, tanto internos como externos, em ocasiões solenes e em trabalhos práticos, inclusive depois dos congressos de unificação realizados a partir de 1947, acompanhando, inclusive, como médium, a Caravana da Solidariedade, que viajou por vários Estados do País, na propagação da unificação doutrinária.

Para melhorar as condições da família, arranjou-se-lhe um emprego no Tribunal de Justiça, como escrevente; bem mais tarde formou-se em Direito

e abandonou o serviço por conveniência familiar, mudando-se para Osasco.

Essa carência inicial de médiuns já levava antes à formação do Grupo Razin, com sete membros, com o que o intercâmbio melhorou grandemente. Eis os nomes de seus membros primitivos, além do comandante: Raul de Almeida Pereira, funcionário do I.B.C., médium de incorporação, vidência e audição; José Quintais, mais tarde funcionário do Departamento de Projetos da Indústria Villares: vidência, audição, psicografia e desenho mediúnico; Rubens Fortes, oficial reformado do Exército; incorporação consciente; Altair Branco, engenheiro; Luiz Verri, cabeleireiro de senhoras: vidência e audição; Paulo Verguelo Lopes de Leão, pintor, diretor da Escola de Belas-Artes.

O Grupo funcionou bem até 1950, data em que foi dissolvido por não haver concordado com a criação da Escola de Aprendizes do Evangelho, exceto dois membros: Paulo Verguelo e Carlos Jordão, que fora convidado e passou a fazer parte do Grupo nos últimos dois anos.

Durante suas reuniões, duas coisas importantes aconteceram: 1) Manifestou-se pela primeira vez a entidade feminina designada pelo nome de "Castelã", que a partir de então dispensou ao Grupo valiosíssima colaboração e doze anos mais tarde, em 1953, pelo médium Divaldo, identificou-se como protetora pessoal do comandante, tendo sido, na Itália papal, rainha de Nápoles, em 1481, como Margarida de Médicis. 2) Em uma de suas reuniões, em 1941, surgiu de improviso um médium desconhecido, jovem, que se dizia médico e se chamava Élio.

Sua trajetória foi rápida porém proveitosa. Acercou-se da reunião, no saguão do salão superior, sentou-se ao lado do comandante, ouviu durante alguns momentos uma mensagem que estava sendo transmitida e interrompeu o trabalho, convocando o comandante para uma reunião urgente. Atendendo ao solicitado, a reunião foi decidida e feita na Escola de Belas Artes, à Rua Onze de Agosto, onde não haveria interrupções; acompanharam o comandante o engenheiro Altair, Luiz Verri, Lopes de Leão, diretor da Escola e o médium.

Foi nesta imprevista reunião que foram feitos os primeiros contatos com Ismael, o preposto de Jesus para a condução espiritual do Brasil, o qual, incorporado no referido médium e sob controle do vidente Verri, transmitiu suas primeiras instruções ao comandante, investindo-o na tarefa de dirigir a Federação, estabelecendo a prevalência do Espiritismo evangélico e construindo, oportunamente, as bases para o êxito desse transcendente empreendimento espiritual.

E como o comandante alegasse que isso era tarefa não para um, mas para muitos, Ismael respondeu dizendo: "Você foi o escolhido e aqui será o chefe; e terá todo nosso apoio enquanto for fiel ao programa que estabelecermos, com toda liberdade para realizá-lo."

O comandante ponderou mais uma vez que estava apenas iniciando a or-

ganização da Casa, estando quase que só, ao que Ismael respondeu, abrindo os braços e mostrando ao vidente uma vasta planície a perder-se no horizonte e toda tomada por guerreiros vestidos de armaduras antigas, cobertos de capacetes brilhantes; "Não estarás só; terás o apoio de todos"; e repetindo energeticamente a frase e entregando-lhe um montante luminoso (espada antiga manejada com as duas mãos): "Aqui serás o chefe e esta é a espada do comando".

E rematou a entrevista dizendo: "Para te auxiliar nos primeiros dias como conselheiros e elementos de ligação conosco, colocaremos junto a ti três companheiros valorosos. Este, disse, apontando o primeiro deles, chamarás Lorenense; este, mostrando o segundo, chamarás Luzitano e este, apontando o terceiro, chamarás Britânico".

Nota: Tanto a multidão de guerreiros como os auxiliares apontados pertenciam à Fraternidade dos Cruzados. Os dois primeiros se afastaram logo após a formação do primeiro Conselho da Federação e o último, cujo verdadeiro nome era Ricardo Coração de Leão, Rei da Inglaterra e comandante da terceira Cruzada histórica, permanece no posto até hoje, sendo na Federação conhecido simplesmente como Ricardo.

Essa designação do Alto foi confirmada, a partir desse dia, várias vezes, em quase todos os trabalhos da Federação e o comandante deu conhecimento dela à diretoria da Federação e vários auxiliares, na própria ocasião, tendo recebido sempre o mais completo apoio de todos os companheiros.

FORMAÇÃO DO CONSELHO

Com este precioso auxílio, que era dado quando necessário ou quando pedido, em reuniões reservadas, inclusive com membros da Diretoria representada pelo companheiro Montagnini, a organização da Casa caminhou rapidamente, até a formação do Conselho, em 1941, cuja constituição foi outro ato dramático das atividades iniciais da Casa.

Para essa formação, eram organizadas listas de nomes, que eram submetidas aos assessores em reuniões especiais e ali se examinava a identidade pessoal e as possibilidades de colaboração de cada um, como engenheiros, médicos, magistrados, professores, industriais, militares, etc.

A lista era mantida na gaveta da secretaria e, no dia seguinte, os escolhidos eram confirmados com uma cruz, e os confirmados iam sendo convocados para uma reunião importante no dia 23 de setembro; na convocação, o comandante assinava como coordenador e dizia que se tratava de importante acontecimento espiritual, do qual os convocados seriam participantes, caso o desejassem.

No dia aprazado, cheios de curiosidade, mas reservados e em silêncio, todos compareceram e o programa foi iniciado da seguinte forma: O comandante, presidente da reunião, tomou a palavra e explicou que a importância do acontecimento era toda espiritual; não estava em coisas exteriores, mas nas conseqüências espirituais que de-

corriam dela, pelo trabalho a realizar; nada havia de sobrenatural, nem se tratava de promoção de fenômenos físicos, tão em voga naqueles dias, mas sim da abertura de um período histórico-religioso, para maiores realizações de orientação espiritual para o nosso país; com a formação de um Conselho destinado a fornecer e consolidar uma mentalidade verdadeiramente cristã, em todas as suas formas e conseqüências benéficas para as almas humanas.

Nota: Tudo foi planejado e executado nestes termos, para se poder medir, desde o princípio, a sinceridade e a disposição íntima dos elementos convocados.

Quando parou de falar, era visível um certo desagrado entre os presentes, que se mantinham em expectativa e em silêncio.

Foi anunciada, então, a segunda parte do programa: o Dr. Pacheco, veterano dirigente e lutador espírita, assumiria a presidência da reunião, devendo ler e interpretar um texto evangélico à sua escolha, enquanto o comandante, acompanhado de um secretário e um médium de confiança (no caso d. Nair Ferreira), retirariam para o saguão ao lado, para receber do Plano Espiritual, o que fosse do seu agrado ou conveniência transmitir aos presentes.

O secretário escalado foi o Dr. Lopes de Leão, também escolhido, e escreveu a mensagem dada por Bezerra, na qual este apelava para a boa vontade dos presentes e se referia, em imagens estimuladoras, aos grandiosos trabalhos a realizar, no presente e no futuro, para o bem da humanidade e que exigiam a formação de um Conselho altamente credenciado.

Voltando ao salão, o comandante reassumiu a presidência e mandou o secretário ler a mensagem recebida, finda a qual iniciou-se, entre os presentes (não todos), uma troca de exclamações de estranheza, por limitar-se a reunião a tão pouco, como diziam, quando esperavam tanto e tão diferente do que estava acontecendo, não havendo nem mesmo algum plano de realizações a ser conhecido, examinado e discutido.

Nesse momento, o médium desconhecido, que sem ser notado, estava assentado entre os presentes, levantou-se em transe e, em voz clara e forte, declarou: "O comandante tem no bolso interno do seu paletó um plano de realizações para ser discutido e votado."

Levando a mão ao bolso interno, o comandante verificou que realmente ali estava um ligeiro esboço que fizera antes, das primeiras atividades e realizações administrativas após a posse do Conselho e prontificou-se a expô-lo; mas as discussões continuaram; crescendo de vulto, havendo mesmo exclamações em voz alta, de evidente desagrado.

Percebendo o perigo de infiltrações negativas, e para dominar o vozerio, o comandante bateu na mesa, fortemente, e à sua vez, exclamou: "Apelo para o Espírito", findo o que sentou-se em silêncio, concentrando-se.

Então, o mesmo médium desconhecido levantou-se, de seu lugar, sem-

pre mediunizado, e firme, ereto, olhos fechados, passando rapidamente por entre as cadeiras, chegou até à mesa de direção e sobre ela abateu-se com violência, de bruços e, nessa posição, com voz forte e enérgica, dirigiu-se novamente aos presentes, dizendo, em resumo, três coisas principais: 1.º) depois de tudo o quanto foi dito, ninguém pode ignorar as finalidades desta convocação e o oferecimento que se fez, de oportunidades felizes de servir a humanidade, testemunhando o Evangelho do Divino Mestre Jesus Cristo. 2.º) Na situação atual do mundo, que tende a agravar-se, esta oportunidade é dádiva preciosa que não deve ser amesquinhada. 3.º) Se não lhes bastam o que foi oferecido, que usem do seu livre arbítrio, para aceitar ou recusar. Se não vos bastam, para agir, a espada da fé e o escudo do Evangelho, deixem a carga já para que permaneçam somente os possuidores de boa vontade, dispostos a colaborar nesse empreendimento de amor e redenção dos nossos semelhantes."

Fez-se fundo silêncio, dentro do qual o comandante perguntou se alguém desejava usar da palavra e, ninguém se manifestando, declarou que esperava a decisão final de cada um em uma nova reunião, que convocava para daí a cinco dias, à mesma hora e local; e, pronunciando a prece de encerramento, declarou terminada a reunião.

Na sala da secretaria geral, onde muitos se congregaram em seguida, o confrade Pacheco o abraçou, lastimando não ter podido deixar de ser pedra de tropeço, ao que o comandante respondeu que, muito ao contrário, sua colaboração fora útil porque iria ajudar a selecionar, com mais facilidade e segurança, os membros do futuro Conselho.

Na próxima reunião, a 28 de setembro, compareceram dois terços dos primeiros convocados; foi-lhes tomado o compromisso, ante Jesus, de se dedicarem, daí por diante, devotadamente, ao engrandecimento da Federação e do Espiritismo em nosso País. Foram empossados e tomaram conhecimento mais detalhado da organização da Casa e do preparo da gestão administrativa que se iniciava.

Nota: Esse primeiro Conselho, chamado de Orientação, a partir de 1944 passou a ser Deliberativo.

Feito isso, prosseguiram os trabalhos organizativos com a elaboração das primeiras instruções e publicações: "Contribuições ao Estudo da Mediunidade", livro de 60 páginas, em 1942; "Mediunidade de Prova", idem, em 1943; "Desenvolvimento Mediúnico", idem, em maio de 1944 e "Missão Social dos Médiums", idem, em junho do mesmo ano, livretos esses reunidos em um tratado, em 1947, com novas bases para o ensino e prática da mediunidade.

Em 1950 foi publicado um livreto sobre "Passes e Radiações", visando a novas diretrizes para os trabalhos iniciais de curas, além de vários outros opúsculos e livros, todos destinados ao mesmo fim, no terreno didático, visando à criação de cursos e escolas especializadas, as primeiras

medidas tomadas nesse sentido desde a Codificação e que deveriam mudar a feição e o rumo do Espiritismo em nosso Estado, em termos decididamente evangélicos.

Estabilizando-se assim a administração e o funcionamento da Casa, a Secretaria Geral propôs a dissolução do consórcio existente desde 1939, sob o título "Casa dos Espíritos do Brasil", devendo-se, daí em diante, usar unicamente o nome de Federação Espírita; isso foi feito mediante entendimentos com as diretorias da Sociedade de Metapsíquica e da Associação São Pedro e São Paulo, tendo sido a proposta aceita e executada.

Como conseqüência, a Sociedade de Metapsíquica passou a formar um departamento da Casa com o mesmo nome de Metapsíquico, cujo funcionamento e aparelhagem ficou, inicialmente, a cargo da própria Secretaria Geral, passando a funcionar regularmente em trabalhos de efeitos físicos, considerando-se a conveniência de ainda se conservar esse setor em atividade, para atrair para a Federação numerosos elementos da sociedade interessados nele.

Mais tarde a direção foi transferida para o Dr. Shalders, que o exerceu até quando essas atividades foram julgadas dispensáveis, passando-se, em seguida, a utilizar efeitos físicos unicamente em trabalhos de cura espiritual.

Em março de 1944 a Secretaria apresentou projeto de criação de um jornal, sob o título de "O Semeador", para a difusão das novas diretrizes e movimento geral da Casa.

Nota: Nesse jornal, o comandante, até fevereiro de 1972, publicou 425 artigos de colaboração contínua.

O registro do jornal foi feito em nome dele mesmo e não no da Federação, por exigência do Estado Novo revolucionário e funcionou sob responsabilidade da confrreira Marta Cajado de Oliveira, durante alguns meses, prosseguindo a partir daí, até 1967, sob sua própria responsabilidade, quando deixou a função administrativa da Casa, por moléstia.

Nos primeiros tempos foi ele obrigado a usar vários pseudônimos para vencer as dificuldades da colaboração escassa e garantir a saída regular do jornal, regularidade que, aliás, continuou sendo mantida graças à excelente direção do confrade Paulo Alves de Godoy.

O primeiro cabeçalho foi desenhado por José Quintais, do antigo Grupo Razin e, mais tarde, ligeiramente alterado por Joaquim Alves.

Além do jornal, para incrementar a difusão da Doutrina e prestigiar a Casa, propôs a criação de uma hora espírita, que foi contratada com a Rádio Tupi, aos domingos, e dirigida pelo confrade João Rodrigues Montemor.

Para a tribuna da Casa eram trazidos oradores espíritas de renome, da capital e de fora, custeando-se as despesas, como também convidavam-se líderes de outras religiões e filosofias, para dar à Casa, desde o início, caráter liberal e fraterno, de um espiritismo racional e universalista, o que

redundou em grande prestígio público para o Espiritismo em geral.

As conferências públicas da manhã e noite dos domingos atraíram grande assistência e os programas eram publicados previamente em jornais de larga circulação; as da manhã eram de responsabilidade do saudoso confrade Pedro de Camargo — Vinícius — e as da noite, em rodízio entre os confrades Montagnini, Godoy Paiva e outros.

O Departamento Federativo foi desenvolvido amplamente e a secretaria geral convidava mensalmente os centros, em rodízio, para reuniões conjuntas e festivais na Federação, visando à fraternização e à sociabilização coletiva, e vários confrades dedicaram a ele seus esforços.

OS CONGRESSOS

Em 1947, para unir a família espírita do Estado e unificar as práticas doutrinárias, a Secretaria propôs um largo plano de ação que, através de uma comissão composta de 3 membros, incluindo os confrades Luiz Montelero de Barros e Vergueiro, foi submetido às quatro maiores entidades da Capital e em todos os detalhes prontamente aprovado. Propôs também a criação da USE, União Social Espírita, entidade unificadora, sob legenda, e foi efetivada a unificação na quase totalidade e convocado para esta Capital o 1.º Congresso de Unificação Estadual, que reuniu na Federação a quase totalidade das instituições espíritas do Estado, fazendo-se, ainda, um recenseamento geral dos espíritas, que acusou um total de 700.000 adeptos, incluindo grupos particulares de existência regular. Tudo foi feito quase sem despesas, com a colaboração espontânea de todos, dando assim a Federação um notável exemplo de dinamismo e eficiência e sendo a Doutrina bastante divulgada, com ampla publicidade no Estado e fora dele, passando a Casa a exercer, desde então, destacada e incontestável liderança no Estado e entre as congêneres do país.

Desenvolvendo a iniciativa, a Secretaria propôs também a convocação de um Congresso Nacional, a reunir-se também aqui em São Paulo que, da mesma forma, teve grande êxito e com o qual recusou-se a FEB a colaborar e reconhecer, mas que teve grande influência no setor nacional, com a criação, a posteriori, na área da referida FEB, do Conselho Federativo Nacional, cujas atividades têm sido, desde então, mais que tudo burocráticas.

No livro intitulado Anais do Primeiro Congresso Espírita do Estado de São Paulo, editado na ocasião, encontra-se a descrição pormenorizada e completa dessa iniciativa histórica do Movimento Espírita em nosso Estado, realizado pela Federação.

Terminados os Congressos de unificação estadual e nacional, como não convinha ao comandante permanecer na presidência da antiga USE para não prejudicar a administração da Federação, aconselhou aos companheiros da antiga diretoria que não concorressem à renovação dos cargos em nova eleição, para que a legenda tivesse

liberdade de ação e agisse por si mesma no prosseguimento de sua importante tarefa mas, infelizmente, nem todos se afastaram e a nova diretoria, que então se formou, caminhou em sentido diferente, transformando-se a legenda transitória em entidade competitiva com as Patrocinadoras da iniciativa. Isso foi um erro grave, que redundou, senão em fracasso, pelo menos em grande retardamento da unificação por mais de vinte e cinco anos, tentando-se novamente nestes dias a malograda realização.

Não obstante essa alteração de rumos e de princípios organizativos, a Federação jamais regateou auxílio à nova entidade, que passou a chamar-se União das Sociedades Espíritas e até hoje o faz, como é do conhecimento geral.

Em 1953, a Secretaria Geral correu grandemente à promoção, no Rio de Janeiro, de uma enquete em vários jornais, como entre outros sobre Espiritismo e Umbanda, após uma série de artigos publicados no "Semeador", pelo comandante, visando esclarecer o público sobre as diferenças entre uma e outra dessas duas correntes religiosas e eliminar confusões e interferências de Umbanda nos Centros Espíritas, tornando assim o problema melhor ventilado em público e conhecido, igualmente, pelas autoridades públicas e culturais do País. Nessa enquete manifestaram-se vários representantes do Espiritismo e da Umbanda.

APRENDIZES DO EVANGELHO

Para situar o Espiritismo à vontade em relação aos conhecimentos e tradições religiosas da humanidade, duas coisas foram também realizadas com desassombro: uma, no campo externo — a publicação de vários livros de formação cultural-doutrinária: "Os Exilados da Capela", em 1949, e "Na Cortina do Tempo", em 1962, mostrando os albos das civilizações primitivas, seu intercâmbio com outros orbes, assuntos estes que, atualmente, estão sendo afoitamente tratados em obras "best-sellers" por escritores estrangeiros de nomeada; e no campo interno, no cumprimento do programa do Alto, criou-se a Escola de Aprendizes do Evangelho, órgão primeiro de uma Iniciação Espírita de larga esfera de ação, com base no Evangelho Cristo; e uma série de 21 livros didáticos, parte deles para uso da referida Escola e parte para a Fraternidade dos Discípulos de Jesus, termo global da Iniciação referida.

Nessa Iniciação foram oferecidos conhecimentos espirituais mais amplos, com predominância do que foi estabelecido para a reforma íntima dos adeptos, base insubstituível da evangelização, a seu turno condição fundamental da redenção espiritual do homem encarnado.

No planejamento desse Iniciação surgiram dificuldades no processo a adotar para se conseguir executar a reforma íntima, valendo-se, por fim, o comandante da caderneta pessoal usada pelos antigos Essênios, do tempo de Jesus, descrita no livro "Harpas

Eternas", de Hilarion do Monte Nebo, contemporâneo e servidor de Jesus naqueles tempos, livro esse que lhe foi enviado da Argentina, pelo Autor, antes do lançamento; com algumas alterações e adaptações, o sistema foi adotado com excelentes resultados.

Na criação dessa Iniciação, tinha-se também em vista unir os adeptos por uma mística religiosa cristã, visando à redenção espiritual de cada um, convenientemente adequada à mentalidade moderna e à racionalidade da Doutrina Espírita, o que até o presente tem sido êxito indiscutível na Federação, mas prejudicado fora dela devido, de uma parte, aos temores de lançarem-se os dirigentes, desassombradamente, à expansão e, de outra, à negligência existente entre os espíritas do sexo masculino em relação à evangelização, objetiva e deliberadamente conduzida sendo esse, em grande parte, um dos motivos do retardamento da expansão do Espiritismo em nosso País.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

O Departamento de Assistência Social nasceu e iniciou seu desenvolvimento na própria sede, dirigido inicialmente por um pequeno grupo de senhoras e moças que, ao depois, criaram e mantêm até agora, com grande êxito, a Instituição de assistência infantil denominada "Nosso Lar", passaram por ele vários confrades que, infelizmente, não permaneceram, sendo necessário, periodicamente, que a própria secretaria geral avocasse a direção; isso, até que o Departamento pudesse ser entregue ao valoroso confrade José Gonçalves Pereira e mudado para a Rua Santo Amaro, em prédio interditado pela Prefeitura e adquirido para uso precário durante vários anos e, mais tarde, adquirido também o terreno ao lado, onde se localiza hoje em dia a nova sede da Federação.

Sob a direção do confrade Gonçalves, o departamento desenvolveu-se amplamente, mas esse desenvolvimento exigia sua mudança para local fora do centro da cidade, o que foi conseguido com obtenção de um comodato a longo prazo, concedido pelo Governo Jânio Quadros, com auxílio direto da Secretaria Geral junto ao major Pina de Figueiredo, genro do comandante, resultando daí a Casa Transitória, que é hoje motivo de satisfação e orgulho realizador para todos da Federação.

O período que vai de 1950 a 1965 foi marcado por atividades multifórmes, aprimoramento de trabalhos práticos, desenvolvimento da consolidação da organização montada de início e que comporta ainda amplos desdobramentos, sem alterações de sua estrutura original; como também grande impulso dado à difusão por vários meios, inclusive pela publicação de várias obras didáticas, litero-doutrinárias e opúsculos de bolso, escritos para ampla distribuição no meio popular, de cujo trabalho não se pode esquecer a colaboração preciosa prestada pelo confrade Coutinho, ex-diretor do Departamento de Assistência Espiritual da Federação.

EPILOGO

Ao adoecer, em fins de 1965, o comandante, mesmo assim, prosseguiu colaborando oficialmente, ainda por dois anos, até as eleições de 1967, quando solicitou seu afastamento definitivo, por ver que a moléstia era de curso demorado, pedindo também dispensa dos serviços do Conselho, por não poder assumir compromissos de assíduo cumprimento.

Em fins de 1973, embora sem sair de casa por causa de seus problemas de saúde, voltou a desenvolver intensa atividade que culminou na fundação da Aliança Espírita Evangélica no dia 4 de dezembro desse mesmo ano. Para tanto, Armond reuniu um grupo de companheiros, todos membros da Fraternidade dos Discípulos de Jesus, que, após estruturada a Aliança com a decisiva participação do Comandante, assumiram a responsabilidade pela condução do programa de trabalho estabelecido. Armond contribuiu ainda com inúmeros artigos publicados nas primeiras edições de "O Trevo".

SEARA DE ÓDIO

Irmão X

— Não! não te quero em meus braços! — dizia a jovem mãe, a quem a Lei do Senhor conferira a doce missão da maternidade, para o filho que lhe desabrochava do seio — não me furtarás a beleza! Significas trabalho, renúnciação, sofrimento...

— Mãe, deixa-me viver!... suplicava-lhe a criancinha no santuário da consciência — estamos juntos! dá-me a bênção do corpo! Devo lutar e regenerar-me. Sorverei contigo a taça de suor e lágrimas, procurando redimir-me... Completar-nos-emos. Dá-me arrimo, dar-te-ei alegria. Serei o rebento de teu amor, tanto quanto serás para mim a árvore de luz, em cujos ramos tecerei o meu ninho de paz e de esperança...

— Não, não...
— Não me abandones!
— Expulsar-te-ei.
— Piedade, mãe! não vês que procedemos de longe, alma com alma, coração a coração?

— Que importa o passado? Vejo em ti tão-somente o intruso, cuja presença não pedi.

— Esqueces-te, mãe, de que Deus nos reúne? não me cerres a porta!...

— Sou mulher e sou livre. Sufocar-te-ei antes do berço...

— Compadece-te de mim!...

— Não posso. Sou mocidade e prazer, és perturbação e obstáculo.

— Ajuda-me!

— Auxiliar-te seria cortar em minha própria carne. Disputo a minha felicidade e a minha leveza feminil...

— Mãe, ampara-me! Precuro o serviço de minha restauração...

Dia a dia renovava-se o diálogo sem palavras, até que, quando a criança tentava vir à luz, disse-lhe a mãezi-

nha cega e infortunada, constangendo-a a beber o fel da frustração:

— Torna à sombra de onde vens! morre! morre!

— Mãe, mãe! não me mates! protege-me! deixa-me viver...

— Nunca!

— Socorre-me!

— Não posso.

Duramente repellido, caiu o pobre filho nas trevas da revolta e, no anseio desesperado de preservar o corpo tenro, agarrou-me ao coração dela, que destrambelhou, à maneira de um relógio desconcertado...

Ambos, então, ao invés de continuarem na graça da vida, precipitaram-se no despenhadeiro da morte.

Desprovidos do invólucro carnal, projetaram-se no Espaço, gritando acusações recíprocas.

Achavam-se, porém, imanados um ao outro, pelas cadeias magnéticas de pesados compromissos, arrastando-se por muito tempo, detestando-se e recriminando-se mutuamente...

A sementeira de crueldade atraíra a seara de ódio. E a seara de ódio lhes impunha nefasto desequilíbrio.

Anos e anos desdobraram-se, sombrios e inquietantes, para os dois, até que, um dia, caridoso Espírito de mulher recordou-se deles em preces de carinho e piedade, como a ofertar-lhes o próprio seio. Ambos responderam, famintos de consolo e renovação, aceitando o generoso abrigo...

Envolvidos pela carícia maternal, repousaram enfim.

Brando sono pacificou-lhes a mente dolorida.

Todavia, quando despertaram de novo na Terra, traziam o estigma do clamoroso débito em que se haviam reunido, reaparecendo, entre os homens, como duas almas apalxonadas pela carne, disputando o mesmo vaso físico, no triste fenômeno de um corpo único, sustentando duas cabeças.

Fonte: Contos e Apólogos

Edição FEB

Psicografia: Francisco C. Xavier

DIVALDO NO FRATERNIDADE

No dia 18 de abril, às 10 horas, o Grupo Fraternidade Cristã estará inaugurando sua nova sede, na rua Homero Salles, 1.011, Parque São Domingos, São Paulo.

No mesmo dia, às 20 horas, no auditório da Fundação Getúlio Vargas, haverá ato comemorativo com palestra de Divaldo Franco.

O Fraternidade é um dinâmico grupo integrado à Aliança que, além de manter Escola de Aprendizes, Assistência Espiritual e demais cursos do programa, desenvolve amplo trabalho de assistência social na comunidade e fora dela. Como parte dessa programação, presta socorro ao Hospital Abrigo Cidade dos Velhinhos, de Porto Feliz, com 40 idosos, e ministra aulas de Moral Cristã às 26 crianças da Casa da Criança de Porto Feliz.



Página dos Aprendizes

IRRITAÇÃO

Irritação conturba mais a situação, trazendo-nos barreiras e tirando a nossa luz. Bem-vindos sejam os momentos em que deixamos fluir a luz divina e usamos de compaixão para conosco.

Edgar Fiordellisio
CEAE Genebra

Quando nos deparamos com algum problema ou com uma solução difícil, ficamos logo irritados e partimos para a agressão.

É justamente nessas horas, quando tudo parece não ter mais solução, quando não conseguimos mais pensar, que devíamos nos recolher e refletir sobre nosso abatimento, examinar a nossa conduta, avaliar nossos gestos e palavras, pois a irritação não permite que vejamos as soluções que vão aparecendo ao nosso redor; ficamos simplesmente cegos e inertes a tudo.

Muitas vezes magoamos pessoas que nos dirigiram algumas palavras de conforto tentando nos ajudar, mas nós não soubemos dar o valor a essa ajuda, nossa irritação não permitiu enxergar.

Enfim, deveríamos nos conscientizar que ao nos irritar por um problema, mesmo que seja grave, nada resolverá, pois só conseguiremos viver bem se houver harmonia e paz em nossos corações.

Simone da Cunha
GE Redenção

SERENIDADE

Escutar com serenidade — é justamente isto que eu preciso aprender.

Ouvir com calma, pensar bastante e responder com serenidade para não arrepende-me mais tarde.

No nosso relacionamento diário com as pessoas, devemos saber ouvir pacientemente e deixar que elas desabafem sem nos mostrar cansados.

— Não nos esqueçamos de que estamos sempre a nos queixar, e as pessoas que nos ouvem são sempre pacientes conosco.

Iracema Pizarro de Castilho
GE Redenção

Numa discussão mantenha sempre o seu equilíbrio e sua serenidade. Não se exalte, mesmo julgando estar com a razão, ouça e reflita sobre as palavras do outro. Somente com uma atitude de respeito, reconhecendo que todos têm os mesmos direitos e diferentes motivos para justificar os pontos de vista, é que se atinge um dos principais objetivos de uma discussão.

Maria Adélia Filosi
GEAE Genebra

Sempre que discutimos algum assunto, devemos manter a calma, a serenidade, a razão, pois todos nós temos os mesmos direitos de falar e ouvir.

Sônia M. Correia de Sá
CEAE Genebra

Estamos na era da comunicação e verificamos que a palavra de ordem é dialogar.

Temos certeza que dificilmente duas pessoas concordem em tudo, daí podemos afirmar que sempre haverá pontos divergentes a serem discutidos para que se chegue a um ponto concordante.

Devemos lembrar que todos nós temos os mesmos direitos perante Deus. Devemos também lembrar que

por mais sábios que sejamos, nós estamos no sopé da montanha do conhecimento humano.

Após tudo isso, concluímos que discutir com serenidade e respeito ao opositor consiste em real oportunidade de auxílio e aprendizado.

Antonio Edson Laurenti
CE Redenção

PESSIMISMO

Eliminando os pensamentos inferiores de nossas mentes, iremos observar que esta visão imperfeita vai desaparecer. E daí vamos sentir nossos corações cheios de amor e alegria como Deus sempre desejou.

Ubirajara de O. Ramos
CE Geraldo Ferreira

SOFRIMENTO

Na escala evolutiva nossas tarefas não serão fáceis de cumprir e muitas delas geram sofrimento.

Ao reencarnar, idealizamos nossas tarefas, que incluem a família, círculo de conhecimentos, trabalhos etc. Temos de aceitar boas ou más companhias, bons ou maus filhos, assim como cônjuges, amigos etc. Temos de oferecer o nosso exemplo que, muitas vezes, nos leva a sofrer.

Porém, a evolução é contínua e vai nos libertando da inferioridade que origina a dor.

Eunice Pedrosa Pacheco Gomes
CE Geraldo Ferreira

CANTINHO DA CRIANÇA

O GALINHO GARNISÉ

Maria Helena Fernandes Leite

Era uma vez um galinho garnisé, muito alegre e que gostava de dançar. Até sem música se punha a dançar, alegrando a todos.

Um dia estava cochilando, quando acordou com uma música barulhenta. Ah! Não deu outra. O galinho garnisé pulou do poleiro e começou a dançar. Estava todo empolgado. Rodopiava, cruzava as perninhas prá frente, perninhas prá trás, raspava as esporas no chão com tanta força que até levantava poeira.

Todos aplaudiam:

— Muito bem! Muito bem!

E o galinho garnisé respondia:

— Dançar é comigo mesmo.

Realmente, o galinho garnisé era muito alegre. Mas não era só isso. Ele tinha uma grande virtude. Era bondoso. Todos os dias quando eram alimentados com milho, comiam o quanto queriam e cada qual ia se acomodar no seu cantinho.

O galinho garnisé, não. Vendo no chão ainda muitos grãos espalhados, pacientemente recolhia grão por grão, juntava num cantinho e depois distribuía às outras aves mais necessitadas da redondeza.

Só se ouvia dizer:

— Deus lhe pague! Deus lhe pague!

Todos o amavam pela sua bondade:

Uma tarde, ouvindo-se uma música, o galinho garnisé se empolgou e estava naquela de dançar, rodopiando, cruzando as perninhas prá frente, perninhas prá trás, riscava com força as esporas no chão, até levantava poeira, quando foi surpreendido bruscamente pela dona da casa. Em poucos minutos, estava o pobre do galinho garnisé na panela.

A coisa foi tão inesperada e rápida que o galinho nem percebeu que havia

desencarnado. E lá no Plano Espiritual ele continuava a dançar, rodopiando, cruzando as perninhas prá frente, perninhas prá trás.

Assim ele ficou por algum tempo.

As aves sentiam saudade dele e com o coração chelo de amor agradeciam todo o tempo em que foram ajudadas pelo bondoso galinho garnisé. Com isso as vibrações delas iam se somando, formando uma luz que foi se aproximando dele no Plano Espiritual. E à medida que a luz aproximava, ele ia parando de dançar ajudando-o a despertar.

Só aí ele pôde perceber o que lhe acontecera e que a vida continuava.

Ele era ainda o galinho garnisé, alegre, bondoso, pensando naquelas aves necessitadas.

A ALIANÇA EM SANTOS

No dia 7 de fevereiro realizou-se a reunião da Diretoria Executiva da Aliança, no CE Aprendizes do Evangelho, de Santos. Estiveram presentes 27 confrades de grupos de São Paulo, ABC e Baixada Santista.

Após a exposição das atividades desenvolvidas pelo grupo anfitrião, feita pelo companheiro Mário Pinesi, outros grupos relataram seus trabalhos. Entretanto, o tempo maior da reunião foi utilizado para um debate profundo e esclarecedor acerca da reforma íntima e do uso adequado da caderneta pessoal.

Estiveram presentes à reunião: Hélio Luiz Dellanoce, do CE Geraldo Ferreira, Santo André; Luiz P. M. Delmonte, Georgina G. Corrêa, Ricardo F. Linhares e Natalício T. dos Santos, do CE Irmão Timóteo, de São Vicente; Célia Araújo Paraventi, Flávia C. Paraventi e Anna Neyde Lage Gonzalez, do CE Busca e Acharás, de São Vicente; Omar Maranhão, do CE Sementes do Amanhã, de São Paulo; Vera Arnaud, do ABC; Nair Scarpelli, dos CE Redentor e Redenção, de Santo André; Flávio Focássio, do CE Tiago, de São Paulo; Eugênio Lopes Corrêa, do CE Estrada de Damasco, de São Vicente; S. Simões, Laura M. Matsubara, Maura S. Simões, Mirka M. Gregório, Marcelo Yuzo Shimoda, Joana Rosa da Costa, Sandra Loureiro Garavello, Eunice B. Carvalho, Maria Helena Alves Natal, E. Santos das Chagas, José A. Garavello, Mário Pinesi e Nerina Pinesi, do CEAE de Santos; Valentim Lorenzetti, do CEAE-Genebra.

CONSTITUINTE E OUTROS ASSUNTOS

Começamos a publicar entrevista concedida por Divaldo Franco ao jornal "Bahia Espírita" de novembro/desembro de 1986:

1) Em primeiro lugar, o Sr. acha despropositado o envolvimento do Movimento Espírita nas discussões ao redor da Assembléia Nacional Constituinte?

— O Espírita, antes de tudo, é um cidadão livre, que tem o dever de participar de todo trabalho que vise ao progresso da Humanidade. Membro ativo do contexto social, não se pode alienar do dever que tem para consigo mesmo e para com o próximo. Envolver, no entanto, o Movimento Espírita, é uma responsabilidade grupal muito grande, em se considerando que, entre nós, não há chefe, nem condutor que possa assumir compromissos em nome dos demais. A liberdade, entre nós, é resultado da responsabilidade pessoal, que dá a medida de como cada qual pode e deve agir.

2) Por que o ser humano deve posicionar-se, como os espíritas nos posicionamos, contra a pena de morte, o aborto e a eutanásia?

— Por que o homem não é o gerador da vida. Não sendo ele o seu causador, não lhe é concedido o direito de interrompê-la. A vida, mesmo a que se expressa através do corpo, é patrimônio divino, que somente ao Criador compete fazer cessar, face ao conhecimento das causas que a regem e das finalidades a que se propõe. O arbítrio do homem é muito falho, diante da causalidade e destinação do ser, para que possa assumir o direito de tomar nas mãos a decisão de permiti-la ou não funcionar. Considerando os fatos que escapam à compreensão humana, a vida deve manifestar-se conforme a sabedoria das leis que a regem, sem a interveniência das paixões e propósitos ainda falhos da criatura.

3) A partir de "O Livro dos Espíritos" que avanços o Espiritismo proporia para as Leis do Trabalho? E o sindicalismo?

— Compreendendo o homem que o trabalho fomenta o progresso e que este é inevitável, desperta para o entendimento correto dos deveres perante a vida. Com o conhecimento do Espiritismo, a vida passa a ter uma dinâmica superior, pois que, fundamentando-se nas leis de amor, que são as naturais, propõe melhor entrosamento entre patrões e empregados, respeito recíproco, nas várias faixas de ação nas quais se encontram, mais amplos direitos dos servidores, salários condignos, horários justos e repouso remunerado para que se refaçam as forças.

(continua no próximo número)

O TREVO

N.º 157 - MARÇO/87

REDAÇÃO

Rua Genebra, 168
Fone: (011) 239-3474
São Paulo

Diretor-geral da Aliança
Espírita Evangélica:
JACQUES A. CONCHON
Jornalista Responsável:
VALENTIM LORENZETTI